

SÃO LUIZ

Teatro
Municipal
2012

25 Out a 17 Nov

Dança da Morte de August Strindberg

Quarta a Sábado às 21h00

Domingo às 17h30

Sala Principal, m/12

Sessão com interpretação em
Língua Gestual Portuguesa:
11 Nov, às 17h30

Texto

August Strindberg

Tradução

João Paulo Esteves da Silva

Encenação

Marco Martins

Cenografia

Artur Pinheiro

Desenho de luz

Nuno Meira

Figurinos

Isabel Carmona

Sonoplastia

ameba

Interpretação

Miguel Guilherme

Isabel Abreu

Sérgio Praia

Figuração

Mariana Mestre

Pedro Cruzeiro

Direcção de Produção

Narcisa Costa

Agradecimentos

Act - Escola de Actores, Galeria
Quadrum, José Pedro Sousa,
Maria Almeida, Maria Matos
Teatro Municipal, Teatro
Nacional D. Maria II, Patrícia
Vasconcelos, Tiago Carvalho.

SER OU NÃO SER

José Luís Ferreira *Director Artístico SLTM*

A propósito de um outro texto seu, dizia Strindberg ser um “drama tão sincero que fazia arrepios”. Assim é esta “Dança da Morte”. Uma breve janela sobre a vida íntima de um par, rapidamente desfeito em trio, a revelar-nos, crua, a nudez ética do ser, a pequenez que sobra da irrealização dos sonhos, uma espécie de dança macabra da irresponsabilização. Neste teatro da intimidade, o silêncio é mais expressivo do que a palavra. Lembra-nos que o ódio e o amor, a necessidade doente do outro apesar da distância irremediável para o outro, podem fundir-se num sentimento menor, o rancor, na impossibilidade de nos aceitarmos. Neste teatro-metáfora, o indivíduo é um castelo de areia que se ergue à custa de uma ficção que intimamente despreza, dois indivíduos são já uma micro-sociedade que vive, se vive, um equilíbrio apenas precário, jogo mínimo da sobrevivência. O terceiro indivíduo vem, como habitualmente vem, introduzir uma possibilidade de redenção, de invenção de um outro futuro. Mas, como habitualmente, mais não pode do que juntar-se ao passo desta inelutável dança da morte em vida.

O teatro é um reensaio, permite-nos o vislumbre, talvez vão, de uma outra compreensão de nós próprios: nós enquanto protagonistas de uma solidão irremediável, mas também nós enquanto complexo de micro-sociedades que começam no espaço da relação familiar e acabam no modo como assumimos uma visão do todo. Marco Martins conduz um trio de actores superlativos, Miguel Guilherme, Isabel Abreu e Sérgio Praia, nesta reinterpretação de um modo convencional de ser, refém de si próprio, enjaulado num belíssimo e pobre cenário de Artur Pinheiro, iluminado pela luz desolada de Nuno Meira e dito com as palavras que João Paulo Esteves da Silva encontrou, na sua inesperada tradução. É teatro, é sonho. É como um espelho que vê além da superfície.

DANÇANDO COM ACTORES

Marco Martins *encenador*

Retrato diabólico e desolado da vida de um casal fechado no espaço claustrofóbico de uma sala e isolado do mundo, *Dança da Morte* fala-nos de uma crise do íntimo e da frustração das expectativas privadas de cada um. Texto inequivocamente fundador da dramaturgia contemporânea, *Dança da Morte* coloca questões absolutamente centrais sobre a identidade e o carácter, neste drama íntimo sobre o cansaço e a amargura do casamento na procura de culpabilização do outro pelas escolhas e falhanços individuais. A identidade ancorada num só espaço e num só tempo que, por momentos, tal como na adaptação de Friedrich Dürrenmatt, nos faz parecer o lar semelhante a um ringue de boxe.

Num texto seminal sobre o seu próprio teatro, intitulado “O carácter é uma personagem?” o autor diz a certa altura “...não será verdade que nós estamos constantemente a adaptar-nos às pessoas e a novas circunstâncias, que a realidade, que tanto se altera e varia, nos torna mutáveis e que nós brincamos nesta comédia a que chamamos vida sem o saber? Ao que parece, ao contrário do que gostaríamos de acreditar, o carácter não é uma coisa estável. É por isso que eu não empreendo a tarefa de classificar Personagens: pessoas não podem ser classificadas. Cada vez que eu escolho estudar um homem acabo por concluir que o objecto do meu estudo é demente.”

Co-produção



Colaboração



SVERIGES AMBASSAD

Embaixada da Suécia
Lisboa

Apoio

Monte da Penha
Cadena Vestuario S.L.
ameba
Fundação Portuguesa
das Comunicações

8 Nov **Strindberg: autobiografia e questões de género.**

Conversa com
Anna Cavallin
(Univ. Estocolmo),
Gonçalo Vilas-Boas
(Univ. Porto),
Marco Martins
e Mónica Calle.
Quinta às 18h30

A propósito de *Dança da Morte*, Eugene O'Neill forjou o termo “super-naturalismo” para distinguir a dramaturgia do realismo objectivo-mimético. Aqui, a luta entre o espírito e a carne são minuciosamente e escrupulosamente trabalhados, suportados por um discurso cenográfico que sustém de forma naturalista a tradição ilusionista do teatro. Em colaboração com Artur Pinheiro, Nuno Meira e Isabel Carmona, pensei num espaço cénico que nos remetesse não só para a claustrofobia do lar (que pode constituir uma metáfora de prisão ou jaula), mas que nos trouxesse ainda os limites da própria ilha infectada por uma doença desconhecida (também ela metafórica). Esta torre, esta ilha, constituem-se pois como um espelho da situação humana isolada no seu egoísmo mas também uma clara alusão à situação actual do país e da própria Europa. Como acontece com os verdadeiros clássicos, *Dança da Morte* reflecte de forma visionária sobre este presente tão incerto que vivemos (sem necessitar de actualizações ou reformulações) no qual, como diz Michelangelo Pistoletto, passado e presente parecem igualmente distantes. Um momento em que deixamos de acreditar num futuro próximo e olhamos com desconfiança para o passado e, nesse sentido, um momento em que o futuro parece fugir-nos. No fundo, é isto um clássico: um texto que espelha sempre o momento contemporâneo.

A encenação de *Dança da Morte* significará sempre a exploração do lado mais negro da alma humana e uma prova de grande labor para os actores que se disponham a interpretar estas personagens tão sombrias, cobardes na sua incapacidade de mudar o seu futuro e na forma como manipulam quem os rodeia (num primeiro esboço, Strindberg chegou a chamar a este texto “Os Vampiros”), tantas vezes tocando aspectos da própria biografia do autor, ele próprio bastante céptico em relação ao casamento e casado três vezes com diferentes atrizes.

Alice

Isto deve ser o eterno tormento ? Quer dizer que isto não tem fim?

Capitão

Sim (...). Quando a morte chegar talvez a vida comece.

Como prisioneiros da carne, dos seus auto-enganos e mentiras, os participantes desta dança macabra partilham o mesmo dilema existencial - a dança da morte é no final a própria vida. Nesse sentido este espectáculo será sempre um trabalho a quatro mãos e só possível com a total imersão dos actores que se dispuseram a compreender todas as ambiguidades destas personagens tão complexas e contraditórias. Obrigado Miguel Guilherme, Isabel Abreu e Sérgio Praia, pela vossa incansável busca de um sentido para esta dança a quatro com que continuamos a enganar a morte.

Por fim, um agradecimento especial ao Teatro São Luiz e à sua equipa que, mais uma vez, me acompanharam de forma cúmplice na criação deste espectáculo.